

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU	
N.º	1.180
Data	24/10/96

Monografia desenvolvida sob a orientação da professora Carmem Lúcia Figueira Balbino do curso de História da UFU, visando cumprir os créditos necessários à Disciplina Monografia II - Seminário de Pesquisa.

Orientanda: Aparecida de Souza Lopes

Uberlândia - Junho de 1996.

00380- A HUMANIZAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA
E
Autor: LOPES, APARECIDA DE SOUZA
Trad.: ///
Edit.: UFU/DEPTO DE HISTÓRIA
UBERLÂNDIA MG

0380- 5.8(n)

20xs

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

A HUMANIZAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA E A AFIRMAÇÃO DA FEMINILIDADE, UMA
QUESTÃO DE GÊNERO? - 1965 - 1995.

APARECIDA DE SOUZA LOPES

Monografia defendida em
27/06/96. Banca Examinadora:
dona: profs: Carmen Múcia
F. Balbino (orientadora) ALDO
Miz B. Cotesanti, Paulo Roberto
de Almeida.

Note Atribuída pela Banca:
100.0 (Com pontos) tendo em
vista a contribuição do
trabalho para a discussão
sobre a presença da mulher
na sociedade contemporânea.

Carmen Múcia F. Balbino

UBERLÂNDIA JUNHO DE 1996.

AGRADECIMENTO

Agradecemos a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, uma vez que o mesmo é resultado de pesquisas, diálogo com autores e contatos diversos.

Em especial à Professora Carmem Lúcia Figueira Albino, aos Professores Paulo Roberto Almeida e Aldo Luiz B. Colefanti, pela paciência e incentivo tão necessário para que o cotidiano de estudante, assalariada e militante, não interferisse negativamente no desenvolvimento e finalização desta monografia.

Agradecemos a todos os colegas e professores do curso de História. Em especial a Virginia, Raimundo e Mirtes pelo companheirismo e apoio pessoal que tanto ajudou nos momentos difíceis.

A madalena pela paciência e gratuidade na digitação deste trabalho.

DEDICATÓRIA

A meus pais, Matildes e João, que na simplicidade e firmeza souberam transmitir valores incommensuráveis à formação humano - cristã - religiosa.

A meus irmãos, Luzia, Irineu, Zezinho, Lúcia e Luciano que no silêncio amigo e respeitoso acompanharam minha caminhada acadêmica.

As companheira religiosas - Dominicanas ou não - que compreenderam a importância desta produção científica.

Aos colegas e amigos da UFU - alunos e professores - que manifestaram solidariedade de diferentes modos.

Aos companheiros de Pastoral que comungam o mesmo ideal de vida.

A todos as mulheres e homens que se deixam fascinar pela "utopia" possível.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	04
CAPÍTULO I - ESCLARECIMENTOS PRÉVIOS	10
CAPÍTULO II - FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA VIVIDA PELAS MULHERES (AS RELIGIOSAS CONSAGRADAS)	12
CAPÍTULO III - A MULHER CONSAGRADA NO CONTEXTO FEMINISTA, NA IGRJA E NA SOCIEDADE	17
CAPÍTULO IV - DESAFIOS E ESTÍMULOS NA CAMINHADA HISTÓRICA RUMO À EMANCIPAÇÃO FEMININA	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	41

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU

N.º 1.180

Data 24/10/96

APRESENTAÇÃO

O desejo de compreender a temática da Vida Religiosa Feminina fascina-me há anos. Trata-se de um assunto com o qual eu tenho sintonia, por sentir e experimentar a problemática em mim mesma. Ao mesmo tempo, porém, percebo algo que não pertence só a mim, algo que diz respeito às mulheres religiosas consagradas em geral.

Esta intuição emergiu com mais força, quando cursei a disciplina: “Estudos Alternativos em História do Brasil”. Diante das discussões feitas em torno de “gênero”, senti-me estimulada a encarar o desafio.

Pretendo, entretanto, não um estudo pormenorizado mas trabalhar com uma breve discussão e com um conjunto de questões que parecem significativas para uma reflexão a longo prazo, por entender que conhecimento adquire-se num processo histórico, cumulativo.

Limitações de tempo (devido o trabalho profissional, pastoral, militância no Movimento Popular e compromissos outros com a Congregação Religiosa à qual pertenço) dificultaram um melhor desenvolvimento teórico da temática por mim escolhida. Além de incompreensão e indiferença, outros elementos também prejudicaram a realização deste trabalho, tais como: a dificuldade para encontrar documentação em virtude de não existência de trabalhos acadêmicos discutindo questões relativas à vida religiosa feminina e do pequeno número, refletindo sobre questões de gênero, realizar entrevistas (pela escassez de material e constrangimento, timidez das pessoas em se colocarem). Ou seria medo, receio de eventuais questionamentos?

Lançamo-nos, pois, à pesquisa, por entendermos gênero enquanto categoria de análise que trabalha com ideia de construção e desconstrução e a vida Religiosa feminina como um discurso construído culturalmente. O objetivo é pensar em que medida a mulher religiosa consagrada foi ou é objeto passivo de dominação patriarcal eclesial; como, no interior de uma sociedade culturalmente machista, as situações de acomodação e resistência da mulher religiosa consagrada estão colocadas e quais são os limites de autonomia da mulher religiosa na vida conventual e social.

Observando a reflexão da historiadora Margareth Rago⁽¹⁾, percebe-se que gênero não é um conceito pronto, dado “a priori”, e sim uma nova categoria que se propõe a dar respostas a uma construção histórica, social e cultural das diferenças sexuais. Magda de Almeida Neves⁽²⁾ também coloca gênero como produto de uma construção social, baseado em relações de poder que implicam não somente diferenças e assimetrias, mas, também relações hierárquicas entre ambas.

Assim, percebem-se novos horizontes na historiografia brasileira o que permite repensar e desmistificar o natural, valorizando o cultural. Esse universo histórico emergente sugere a percepção de que a consciência feminina, a afirmação da feminilidade, a humanização da vida religiosa feminina, a busca de reciprocidade homem-mulher, são construções históricas próprias da contemporaneidade.

A década de 60 é apontada como período de inativismo da História das Mulheres, mas novos temas surgem, tornando-se discussão em vários setores da sociedade. A partir dos anos 70, começa-se a “pensar” e “falar” sobre mulher na historiografia corrente. Porém, não ainda como sujeito. Já nos anos 80, tenta-se trabalhar a questão da mulher, mostrando a mesma como sujeito, como um ser capaz de resistir a determinados paradigmas teóricos que deturpam sua imagem. A noção de gênero vai se ampliando a partir de então, colocando-se como um estudo revolucionário, sem nada dado “a priori”, mas como algo que está sendo construído nos debates. Tais debates vão sugerindo a necessidade de desbloquear o imaginário e a criatividade, de experimentar e experienciar os processos criativos.

Os anos 70 (Pós-Concílio Vaticano II), a Igreja reflete a emergência da mulher no processo de organização: religiosas consagradas, agentes de pastorais, apoiados na Teologia da Libertação, contribuem na criação das comunidades de base (CEBs) e introduzem uma nova pedagogia de trabalho, na qual as pequenas ações de

(1) Mimeo. RAGO, Margareth. Curso: Uma questão de gênero. II Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFU, 23 a 27 de maio de 1995, Uberlândia, MG.

(2) Mimeo. NEVES, Magda de Almeida. Grupo temático: A transversalidade do gênero nas Ciências Sociais. XIV Encontro Anual ANPOCS, 22 a 26 de outubro de 1990, Caxambu, MG.

solidariedade, as iniciativas de reivindicações, as relações pessoais e atividades coletivas são valorizadas enquanto aprendizado de articulação e resistência.

Para Vera Silva Telles⁽³⁾, a abertura da Igreja “ao mundo dos oprimidos”, coloca-a em contato com os sentimentos de injustiça, insegurança e privação existente entre a população, buscando espaço de organização, autonomia e independência, ela torna-se lugar decisivo de atuação, tendo um alcance que ultrapassa o sentido mais imediato de ações localizadas, construindo um espaço compartilhado que faz da ação coletiva uma ação possível e resistente.

A mulher religiosa é presença viva e animadora nesse processo. Ela busca, aos poucos, sua própria libertação a partir de uma compreensão nova sobre os votos religiosos (pobreza, obediência e castidade). Essas mudanças, contudo, não vieram sem conflitos. Houve tensões e problemas em relação às mudanças no hábito, organização da vida fraterna, ao relacionamento com os amigos. Ainda hoje, percebem-se discordâncias, conflitos, mas o próprio processo de amadurecimento vai proporcionando elementos de superação.

Um dos elementos desse conflito é o que vem acontecendo com teólogas brasileiras, religiosas ou não. Se se colocam enquanto mulheres que reconhecem seus direitos “naturais”, se questionam o conservadorismo da Igreja (que apesar de apoiar as lutas pela conquista de direitos nos campos social, político e econômico, não avança e não permite avanço em outros campos, permanecendo, pois, a discriminação contra a mulher), são oficialmente silenciadas pelo Vaticano. É o que ocorreu com Ivone Gebara⁽⁴⁾.

(3) KRISCHKE, Paulo e Scott M. *A Igreja nas bases em tempo de transição (1974/75)*. LEPM e CEDEL, P.A., 1986.

(4) GEBARA, Ivone. Mora em Recife, PE. Religiosa da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora; assessora cursos em nível nacional, e internacional. Acompanha a formação de diferentes grupos de agente de pastoral popular; membro do CESEP. Doutora em Filosofia pela USP e licenciada em teologia pela Universidade de Lovaina, Bélgica.

Gebara pensa a questão da mulher a partir da sociedade, do cosmos, da antropologia, da teologia. Percebe-se o corpo da mulher como “corpo pessoal e social”. Dai seus audaciosos questionamentos quanto ao aborto, divórcio e sexualidade (homossexualismo, virgindade, masturbação). Questionamentos que desafiam a hierarquia da igreja, pois Gebara propõe olhar a realidade de modo diferente, ouvindo as interrogações das pessoas, especialmente as empobrecidas, acertando o compasso teológico ao ritmo da vida cotidiana. Tudo isso vai contra a dogmática tradicional da Igreja e sua aparente segurança. Além do mais, a teologia sempre foi obra dos homens e entrar “atrevidamente” em seus santuários exige da mulher a observação fiel de todas as rubricas, salienta Gebara.

Ser teóloga no Brasil não é tarefa fácil. Mas as mulheres decididamente se lançam ao desafio de traçar os elementos de um pensar teológico a partir da experiência de renovação e transformação da Vida Religiosa, sem temer fracassos e decepções, pois destes podem surgir novos paradigmas, como o corpo, por exemplo, apontando caminhos que auxiliam na busca de novas formas de vida consagrada, resposta às mais variadas questões com as quais convivemos e pelas quais sofremos. Esse repensar teológico propicia um renascer de vida para a mulher num novo relacionamento entre ela e o homem, encorajando-a a confrontar velhos esquemas (cujo antifeminismo milenar assenta suas raízes mais profundas no símbolo Eva, a pecadora) com sua realidade histórica.

Esse confronto detecta algumas das causas culturais de resistência à autonomia e à libertação da mulher.

Tal esquema toma evidência no recente pronunciamento do papa João Paulo II, que, apesar de reconhecer a Igreja como herdeira de enorme condicionamento que, em todas as épocas, tornou difícil o caminho da mulher e não conseguiu reconhecer sua dignidade, é limitado e incoerente, pois impede que a mulher exerça o sacerdócio (que é originalmente de caráter universal), cabendo-lhe apenas a função de auxiliar.

É visível o apoio da Igreja às lutas sociais, mas, permanece a discriminação em relação ao aborto, mesmo nos casos de estupro; ao uso da pílula anticoncepcional; DIU, à relação sexual antes do casamento; à relação que não seja para procriação; confirmando, dessa forma, o confinamento da mulher ao mero papel de mãe-esposa-irmã-religiosa consagrada a Deus (popularmente conhecida como esposa de Cristo).

A mulher, então, não pode pensar, decidir é assumir sua vida? Ela necessariamente tem que ser de algo ou de alguém? É o que está posto convencionalmente, pois até mesmo a religiosa consagrada que não opta pela vida a dois tem que ser de um esposo, e este é Cristo.

Miriam Pillar Grossi⁽⁵⁾ em seu texto “jeito de freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina”, trabalha o assumir da mulher religiosa hoje. Detém-se, contudo, na construção da vocação religiosa feminina, abordando a construção da identidade da religiosa a partir de estudo empírico, nos conventos da região Sul do Brasil. Seu método é a investigação dos rituais de iniciação, a veiculação de valores como trabalho, santidade e hierarquia.

Grossi aponta o trabalho como algo que pontua o cotidiano da religiosa, define sua identidade, sendo aquele o fator que determina se ela é ou não uma “boa esposa de Cristo”. É o trabalho que constitui o “jeito de freira” e define suas relações, tanto interiores como exteriores ao convento. Pensando a categoria trabalho, é impossível não sentir indignação quanto à exploração da mão-de-obra feminina pela Igreja, manifestada principalmente no trabalho doméstico para o clero, reproduzindo a subordinação da mulher casada e dona de casa, a “rainha do lar”.

Percebe-se, entretanto, que, desde o início do século XII, até o final do século XX, muita coisa evoluiu no cotidiano e nas práticas da Vida Religiosa Feminina. Porém,

(5) Mimeo. GROSSI, Miriam Pillar. *É religiosa consagrada. Pesquisa sobre a vida Religiosa Feminina desde 1986 em Santa Catarina*. Seu interesse por este tema surgiu a partir da constatação de que havia um ressurgimento de vocações religiosas, após um período de “abandono” dos conventos, e que era em Santa Catarina que observava-se o maior número de novas vocações.

poucas são as descrições acadêmicas sobre o cotidiano das instituições religiosas, mas inúmeros são os relatos literários, teatrais, cinematográficos sobre o assunto.

São tantas as confirmações, conceitos postos, que os conflitos e interrogações se multiplicam, indignam, desafiam. O que não é ruim, pois desperta para a reaprendizagem da forma de ver o mundo, sem distinções dualistas entre homem e mulher, bem e mal, céu e terra, uma vez que a fonte criadora está presente na história e em cada um de nós. Tudo isso leva à percepção de que, na questão de gênero, o tema do feminino pelos valores novos que encarna, pelas reivindicações da mulher no sentido de ser reconhecida como pessoa, de ser acolhida em suas diferenças próprias, sem visar a privilégios, nem tolerar a dominação de um sobre o outro, pelo equilíbrio novo que propicia nos relacionamentos sociais, tornou-se tema de grande relevância. Dai os estudos e reflexões no campo da História, da Antropologia, da Sociologia, da Psicologia, da Psiquiatria, da Teologia e outros. Dai que a convicção de que a redescoberta que a mulher faz de seu corpo, como corpo que ama, trabalha, pensa, deseja, decide, tem prazer e tem um poder maior do que o designado pela sociedade patriarcal, tornar-se-á conquista fundamental para a história de hoje e de amanhã. Convicção de que não temos o direito de romper com a historicidade, pois cada mulher vive de acordo com a complexidade de seu tempo histórico.

I - ESCLARECIMENTOS PRÉVIOS

A vida religiosa feminina aparece na história, como um projeto carismático de vida, conforme o Evangelho. Significa a consagração radical da pessoa humana a Deus até o nível de reciprocidade afetiva, com toda a experiência de presença e diálogo interior que isso inclui.

Juridicamente, somos religiosas pela profissão dos conselhos evangélicos, mediante “votos públicos e perpétuos”. Estes, historicamente, são conhecidos como: voto de pobreza (relação da mulher e do homem com bens materiais); voto de castidade (refere-se à dimensão feminino-masculino); voto de obediência (relação consagrado-comunidade). A vivência destes está intimamente relacionada com o contato histórico-social, ela não é teórica e abstrata, sua compreensão perpassa três aspectos essenciais da existência humana: o ter, a afetividade e a liberdade.

Um dos pressupostos elementares para pensar e situar vida religiosa, é sua manifestação real na História, não havendo, porém, definições prontas. Quem ousa definir vida religiosa a partir de deduções, corre o sério risco de deformar a realidade concreta. Nos documentos do Concílio Vaticano II, no Capítulo VI da Constituição Dogmática “Lumen Gentium” e do Decreto “Perfectae Caritatis”, encontram-se estês resumos dedutivos sobre o que seria constitutivo da vida religiosa: origem da vocação; motivo central da consagração; finalidade como honra a Deus; edificação da Igreja e a salvação do mundo; metas que anunciam e sinalizam a definitividade escatológica e a perfeição da caridade no serviço do Reino.

Vida religiosa não é uma realidade previamente definida que se adapta a diferentes momentos históricos. E ser religioso é ser chamado a viver, numa modalidade específica, num processo dinâmico, um projeto evangélico em construção. Logo, só a História mostrará o que é de fato a vida religiosa.

Discutir sobre vida religiosa, exige necessariamente uma abordagem de caráter mais descritivo e indutivo que deve partir da própria VIDA. A vida religiosa não pode

ser pensada em sua “essência”, nem definida de maneira a-histórica. Convém salientar que refletir sobre vida religiosa é arriscar-se a encontrar uma realidade fragmentada, aberta a possíveis evoluções. Relacioná-la a questões de gênero, é enxergá-la como inacabada, como projeto em construção.

Um dos elementos que possibilitam a compreensão da vida religiosa é o próprio contexto histórico. É com essa perspectiva que organizamos esta “monografia” em quatro capítulos complementares. O primeiro traz elementos para situar o leitor quanto à vida religiosa. O segundo pontua alguns fragmentos de uma história vivida pelas mulheres (religiosas consagradas). O terceiro discute a mulher religiosa consagrada no contexto feminista, na sociedade e na Igreja. O quarto e último observa desafios e estímulos na caminhada histórica rumo à emancipação feminina.

II - FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA VIVIDA PELAS MULHERES (AS RELIGIOSAS CONSAGRADAS).

A Igreja primitiva teve como objetivo primordial a igualdade entre homens e mulheres, ambos recebendo o mesmo batismo e consequentemente a mesma missão, ou seja, participação ativa no processo de evangelização, construção comunitária e igualitária da sociedade, mesmos papéis de liderança, como o diaconato por exemplo. Nessa cultura de valorização das relações humanas, nasce a vida religiosa carismaticamente leiga, que infelizmente com rapidez reveste-se do caráter institucional, dando origem à regras, constituições, observâncias regulares entre outras coisas.

Na igreja institucionalizada surgem os privilégios e com eles a marginalização, a discriminação da mulher que é empurrada para fora de suas estruturas, assumindo funções meramente assistencialistas ou caritativas, como ensino catequético nas escolas dominicais, limpeza e manutenção do templo, não mais podendo participar ativamente de tarefas teológica entre outras.

As Congregações femininas arrastam, assim, uma amarga história de submissão institucional, pois, apesar de a Igreja dizer crer em um projeto libertador a partir da realidade da mulher, declarar em seus documentos a igualdade entre mulher e homem, ter consciência do processo igualitário, vive a dificuldade de abolir a discriminação e pratica o que é contrário ao seu discurso. Reforça dessa forma, a desigualdade, o distanciamento entre estruturas sócio-econômicas e culturais. Culturas essas que estão impregnadas de patriarcalismo, reproduzindo os modelos de dependência da mulher.

As mulheres resistem, organizam-se para reagirem diante das mais variadas esferas da vida social. O movimento torna-se conhecido pelo chavão 'Movimento Feminista'. Brota originalmente na Inglaterra e França, chegando até a Alemanha e Estados Unidos e se espalhando pelo Continente a partir das transformações sócio-

político- culturais. Sua bandeira de luta tem como princípio a emancipação da mulher em relação aos direitos civis, acesso à cultura, à vida produtiva, sexual e outros.

Ainda hoje contudo, falar em feminismo na Igreja e na vida religiosa parece causar mal-estar. Mas, em todos os tempos, encontram-se mulheres que resistem e lutam contra a velha discriminação sexual. Atualmente essa resistência se faz notória pela aspiração de uma nova sociedade, na qual a participação co-responsável determine as relações de reciprocidade entre homens e mulheres. Essa resistência acontece também no interior da Igreja Católica e de algumas Protestantes. Estas, por sua vez, aprovam e praticam a ordenação de mulheres deixando a Católica a reboque. Há pressões e argumentações de vários setores, mas há também o radicalismo da Igreja Católica. Gertrud Heinzemann, por exemplo, lidera um grande grupo de mulheres que afirmam não estarem dispostas a silenciarem e Mary Daly publica o livro 'A Igreja e o segundo sexo'. obra pioneira no campo católico.

O feminismo é plural, daí talvez a denominação 'intra-eclesial feminino' que se caracteriza pelas denúncias à estrutura patriarcal sexista da sociedade e da Igreja, e, no espaço eclesial, pelo desejo de participação da mulher nas decisões e gestão da Igreja. As discussões vão tomando corpo, surge a 'Teologia Feminista' em contrapartida à 'Teologia da Mulher' que é pensada por homens.

A Teologia Feminista é elaborada por mulheres e traz em seu bojo a própria experiência humano-cristã, toda a vida de fé, questões teológicas importantes; estas mulheres tematizam sua experiência numa perspectiva feminista, assumindo os princípios da Teologia da Libertação. Essa luta não se dá entretanto sem conflitos; a Igreja não permite abertura, de modo que, só nas últimas décadas, é que a questão da mulher vem ganhando legitimidade, com o Papa Pio XII e sobretudo com João XXIII (Pacem in Terris) e o Concílio Vaticano II (Gaudium et Spes).

A lentidão, no entanto, marca esse rico processo. Medellín, por exemplo, chega a reconhecer a desigualdade entre homens e mulheres ao falar em : 'frustração de legítimas aspirações do povo, entre as quais as das mulheres que reivindicam sua igualdade de

direito e de fato com os homens”, mas não avança no debate, limitando-se a simples constatação. A questão da mulher parece ainda não ter emergido nos meios eclesiais. Medellín contribui, todavia, no sentido de reconhecer a situação d injustiça e opressão que assola o Continente, janelas abertas para que a questão da mulher e sua luta libertária sejam incluídas posteriormente nos debates. O que não tarda acontecer, pois, em meados da década de 70, a Igreja discute o tema da Evangelização no Sínodo de 1974 e Evangelii Nuntiandi em 1975, ambos pensando a situação da mulher na Igreja.

Já Puebla parece avançar mais, uma vez que não só reconhece, mas, denuncia a marginalização da mulher, observando sua ausência na vida política, econômica e cultural (Nº 834), na Igreja (N º 839) legitimando a organização das mulheres para exigir o respeito a seus direitos (Nº 836), apoiando as organizações feministas que lutam pela promoção e incorporação da mulher em todos os setores (Nº840), tendo como princípio a igualdade e dignidade da mulher como base na teologia da criação (Nº 841 e 844), convocando a Igreja a contribuir para a libertação da mulher (Nº 849). As conclusões de Puebla são interessantes e até um tanto ousadas em certos pontos; todavia, cabe se perguntar qual foi o nível de participação de mulheres neste Sínodo? Elas puderam discutir, opinar, sugerir, decidir? Ou não passaram de objeto de discussão?

O feminismo na contemporaneidade emerge nos setores ativos, apontando para a libertação dos pobres. Tem características profundamente ecumênico, intra-eclesiais, sendo sua reflexão também orientada pela experiência das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e grupos populares, onde mulheres cristãs de diferentes Igrejas se encontram no mesmo compromisso e na mesma fé.

Percebe-se, pois, que a situação sócio - eclesial vai ampliando o leque de discussão e não se trata tão somente de indicar a mulher como centro das atenções, de refletir sobre os diversos aspectos e faces de sua vida, de buscar as raízes da opressão que pesa sobre ela mas também de relevar a vida, as relações, o mundo, na ótica feminina e, em nossa realidade, na ótica da mulher empobrecida. Este foi o princípio que norteou o Encontro das Mulheres em Costa Rica, o que se constata pela afirmação do

documento final desse evento: 'partimos do fato de que em nossa sociedade, não podemos falar da mulher em termos genéricos, porque as mulheres fazem parte das diferentes classes sociais e portanto entram em conflitos não só com estruturas masculinizantes da sociedade, mas também com mulheres e homens de outras classes'. Cabe questionar, portanto, o que a mulher indígena, ou negra, camponesa ou operária, religiosa ou atea, doméstica ou prostituta tem a posicionar em relação a saúde, terra, educação, trabalho, transporte, sexo, lazer, religião? Qual e como tem sido sua experiência de resistência e opressão?

O movimento feminista não é homogêneo, possui traços de resistência às formas de opressão, exploração e dominação, sejam elas cultural, política, econômica, ideológica, sexista ou religiosa.

Na III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizado em Puebla de Los Angeles - México, entre os dias 21 de janeiro e 13 de fevereiro de 1979, foi criada a Organização 'Mulheres para o Diálogo' que tem o objetivo de fazer escutar a voz das mulheres no seio da Igreja Católica e, ao mesmo tempo, desenvolver uma teologia feminista no contexto latino-americano. Com esse propósito, realizaram-se: o Congresso de Tepeyac, no México, em outubro de 1979, com participação de vários países latino-americanos católicos e protestantes; o encontro em San José - Costa Rica em março de 1981; outro em Buenos Aires - outubro de 1985, com participação de diversas mulheres latino-americanas e caribenhas, os Encontros nacionais brasileiros sobre 'Produção Teológica Feminina nas Igrejas Cristãs em 1985, 1986, 1989 e outros tantos, já na década de 90, todos organizados por mulheres católicas, protestantes, teólogas, pastoralistas e outras interessadas na questão da mulher e comprometidas com a transformação social. Encontros nesta mesma linha aconteceram em Bogotá, julho de 1981; Lima, julho de 1983, Bertogá, julho de 1985; Argentina, novembro de 1990; El Salvador, novembro de 1993 e Pequim, no ano de 1995.

Esses encontros refletem, de maneira extremamente significativa, a atuação das mulheres no contexto histórico. As mesmas representam a diversidade de organização

das mulheres no meio urbano e rural, em busca de um mesmo projeto, que é a defesa da vida, por meio do resgate de dignidade do ser humano como um todo, sem se pautar por questões sexistas, clericalistas ou mesmo elitistas, econômicas, política, ideológicas e culturais. As mulheres buscam autonomia de espaços que permitam a divulgação de seus direitos: saúde, comunicação, participação na vida política e econômica, direito ao aborto, entre outros. Estão certas de que é preciso subverter, transformar o poder patriarcal que está posto há séculos.

III - A MULHER RELIGIOSA CONSAGRADA NO CONTEXTO FEMINISTA, NA SOCIEDADE E NA IGREJA

Em nível de América Latina, cresce em qualidade e quantidade a participação de religiosas em estudos, encontros, movimentos ou grupos com características feministas. É comum, nos encontros de religiosas, o debate sobre questões da mulher, mesmo quando não colocado em pauta.

Esse despertar “crítico-participativo” da mulher religiosa consagrada revela novos passos na caminhada pós-Concílio. Fazendo memória desse processo pós-Conciliar, percebe-se nele a existência de fases significativas: uma primeira seria a “modernizante”, quando a Vida Religiosa engaja-se na Igreja local e na sociedade. Outra seria a tomada de consciência da situação de opressão e miséria do povo latino-americano, assumindo a opção preferencial pelos pobres, incentivada por Medellín e Puebla.

A mulher religiosa também conhecida como freira, consagrada, irmã... valoriza e incorpora outros valores em sua vida pessoal e comunitária, em seu apostolado. A liberdade, a participação co-responsável, a amizade, o respeito, a dignidade e individualidade de cada uma, a descoberta da própria identidade como pessoa e como mulher, a busca de espaço na Igreja e na sociedade apontam a conquista dos direitos da religiosa como cidadã, como mulher, como Igreja feminina.

Percorrendo a história da vida religiosa feminina no Brasil, nota-se quanta grandeza existe nas descobertas acima referidas, uma vez que, por longas décadas, a própria condição humana feminina das irmãs fora encoberta. Elas, aos poucos se interrogam ante as condições culturais e sócio-eclesiais e se “descobrem como gente”, como mulheres que pensam, que produzem, que são sujeitos de seu processo histórico, que fazem parte de um movimento social capaz de produção teórica, denúncias e resistência.

Percebem e tentam respeitar suas diferenças e divergências na busca de espaços que superem classe social, concepções religiosas, convicções políticas e outros. Sua luta é pela supressão da discriminação sexual ,tanto na sociedade civil como na Igreja, pela valorização das diferença que sinalizam fontes de riqueza , pelo reconhecimento da mulher como ser humano em pé de igualdade como o homem. O desejo é que essa bandeira de luta leve o homem a se rever e desfazer-se de seu caráter dominador e machista.

Alguns aspectos dessa valorização da pessoa humana, da consciência da feminilidade da mulher religiosa, podem ser observados, tomando -se como referencial básico os votos de obediência, pobreza e castidade, bem como as veste e a clausura.

O VOTO DE OBEDIÊNCIA

O voto de obediência seguia os princípios da família patriarcal, na qual a “superiora” agia como chefe de família. Entretanto, as irmãs, inclusive a superiora, eram submissas às autoridades eclesiásticas, vistas como representantes de autoridade Divina.

Essa estrutura que reduzia a mulher religiosa à uma situação de “dependência infantil”, tornando-a incapaz de tomar decisões pessoais, assumir responsabilidades fora do espaço conventual é questionada, provocando mudanças nas comunidades que buscam relações fraternas, criando mecanismos de participação igualitária, descentralização do poder, liberdade e corresponsabilidade. Os títulos “madre” e “superiora” são abolidos; em algumas comunidades, esses cargos deixam de existir , perdem sua razão de ser. Ainda uma outra investida importante se dá quanto as Constituições das Congregações Religiosas, são revistas e reelaboradas a partir da concepção feminina.

A mudança pós-conciliar amplia o caráter institucional e personalista da obediência, restituindo sua dimensão comunitária e missionária. A obediência é redefinida em vista da missão. A vida religiosa aponta agora para dois elementos

determinantes na prática da obediência e exercício da autoridade: a valorização dos direitos humanos, o diálogo e discernimento comunitário. São renovações de valor altamente precioso, mas não foram ou são tão simples quanto parecem. Cabe interrogar se a Vida Religiosa consegue realmente colocar os valores evangélicos acima dos projetos individuais? Como a dimensão teológica da obediência passa da teoria à prática?

O VOTO DE POBREZA

Voto de pobreza era também berço da dependência, alimentava a imaturidade da mulher religiosa. À superiora cabia providenciar a subsistência de suas irmãs, administrar o uso do dinheiro, (mas também ela dependia da autoridade eclesial para administração dos bens). As irmãs exerciam trabalhos profissionais gratuitamente nas obras da Congregação

Esse frutuoso e doloroso processo de humanização da Vida Religiosa, propiciou uma tomada de consciência do valor e dos direitos da mulher, atingindo em cheio a concepção de voto de pobreza. A teologia atual do voto de pobreza traz uma versão nova e distinta. Destaca a dimensão comunitária da pobreza evangélica, pois a intenção do voto religioso não é simplesmente renunciar a tudo, mas compartilhá-lo com os pobres. O voto se justifica a partir da solidariedade com os pobres e, assim, a renúncia aos bens materiais se dá em função do seguimento de Jesus, que renunciou a riqueza e apresentou a pobreza como ideal de perfeição e da missão que exige renúncia às seguranças materiais, e disponibilidade de servir em função do Reino.

De acordo com Felicisimo Martinez⁽¹⁾ a Vida Religiosa nasceu sob o sinal da pobreza evangélica que conheceu diversas formas ao longo da história. O eremitismo⁽²⁾

⁽¹⁾ Díez, Felicísimo Martínez, *Vida Religiosa, Carisma e Missão Profética*, S.P., Paulus, 1995.

⁽²⁾ Vida Conventual - lugar retirado, ermo, solitário, silencioso, calmo e simples.

⁽³⁾ Vida Monástica - retirada mais em comum com outros que tem os mesmos princípios ou prerrogativas

⁽⁴⁾ Ordens Mendicantes - Ordens Religiosas que vivem da caridade alheia, por ser desprovidas de bens materiais

ênfâtizou a pobreza com a crise individual. A vida cenobítica⁽³⁾ obrigou à pobreza individual e terminou fazendo-a compatível com a riqueza comunitária. As Ordens mendicantes⁽⁴⁾ fomentaram a pobreza real, individual e comunitária e ênfâtizaram sua dimensão apostólica. Nos institutos apostólicos, a pobreza foi interpretada como serviço assistencial aos pobres. Hoje se insiste na pobreza como solidariedade aos pobres. Logo, o voto de pobreza tem valor e sentido, se reflete verdadeira experiência teológica, se é resultado da experiência de Deus.

A descoberta de novas dimensões do voto de pobreza na Vida Religiosa passa pela solidariedade aos pobres, e estes questionam a dimensão política do mesmo, exigem a partilha de bens para além dos limites congregacionais: exigindo portanto, a prática da justiça.

O VOTO DE CASTIDADE

O voto de castidade parecia (ou parece) ser visto meramente como renúncia ao matrimônio, desprezo pelo corpo e repressão de sentimentos. E obviamente a mulher era (é) o alvo central desta visão negativa de castidade, uma vez que seu corpo era (é) tido como sinal de tentação, sensualidade e pecado.

Os sentimentos reprimidos, particularmente o da amizade, reprimiam diretamente a mulher que era ensinada a não confiar em sua razão, carecendo, pois, de proteção externa, seja na clausura ou nos relacionamentos intra e extra-comunitários. E tudo ocorria em vista da santificação pessoal. Surge felizmente uma nova compreensão deste voto, trazendo leveza e alegria à Vida Religiosa feminina. As religiosas, aos poucos, assumem e encorajam o seu ser mulher, cultivam relacionamento interpessoal, buscam espaço de crescimento, mostrando que amizade e afeto são elementos de grande valor nas relações humanas.

A castidade pode ser entendida como um carisma pessoal e não como anulação da sexualidade, renúncia à afetividade e ao amor. A Vida Religiosa atualmente parece preocupar-se mais em vivenciá-lo como experiência religiosa, que justificá-lo racionalmente. O celibato cristão é apenas uma forma específica de viver a sexualidade e não castração; afinal nosso ser é todo sexuado. O voto de castidade é um voto de reciprocidade e amor, porém, não mediado pela genitalidade.

Observa-se hoje grande problemática em relação ao celibato. E sabe-se que cada aspecto dele requer um tratamento especial. Alguns parecem ser urgentes, como o novo jeito de interpretar a castidade na perspectiva profética, apontando-o como experiência de amor e comunicação, eliminando o ranço dualista entre corpo e alma, matrimônio e virgindade, bem e mal.

Hoje a virgindade, castidade e o celibato são difíceis de serem compreendidos e aceitos. A cultura moderna libertou-se dos valores velhos do ranço dualista, tirou a sexualidade da clandestinidade, explorando sua riqueza humana e humanizaste. Há infelizmente por um lado, exageros, como a exacerbação da sexualidade, e por outro, o sistema liberal que com seus interesses econômicos comercializa o sexo, tornando-o vulgar.

O HÁBITO E A CLAUSURA

As vestes (hábito religioso) e a clausura (moradia conventual) também representam a institucionalização da inferioridade da mulher religiosa na Igreja e na sociedade. O hábito da religiosa nega sua feminilidade, pois incorpora elementos determinantemente masculino com objetivo de não mostrar as formas naturais do corpo feminino.

Exercer o direito de ir e vir, experimentar e vivenciar a dignidade humana e feminina, sentir-se mulher, amiga, companheira, usar roupas comuns ou mesmo um hábito que não deforme ou esconda o corpo, foram passos significativos na afirmação da

identidade, liberdade e individualidade das mulheres religiosas. Tudo contribuindo para o processo de amadurecimento pessoal e comunitário das mulheres religiosas.

As religiosas buscam o "NOVO," criam uma relação humana e fraterna, de companheirismo, cultivando fortes laços de amizade, forjando a desmistificação da imagem de religiosa construída no passado e ainda presente na Igreja e na sociedade hoje.

Parece ser proveniente deste contexto histórico, uma espécie de mal-estar ao se falar sobre questões relativas à mulher e mais especificamente de espiritualidade a partir da ótica feminina. Óptam por abordagens mais geral, não enfrentando a realidade do ser mulher com tudo que ela tem de característico. Todavia, em todos os tempos houve mulheres que se posicionaram, erguem uma bandeira de luta específica, embora nem sempre suas reflexões pudessem ser divulgadas, por nossa tradição ser profundamente marcada ou determinada pela estrutura patriarcal.

Pensar a mulher é pensar o Cosmos, é liberar energias, forças camufladas, gemidos dolorosos, esperanças embrionárias, é ultrapassar a divisão sexual e suas consequências, uma vez que o conceito de mulher é amplo. Nesse pensar histórico, a dimensão político-religiosa da vida das mulheres passa por extraordinárias mudanças, nas quais se descobre a imensa riqueza e beleza que é o corpo. Corpo que deve ser assumido como meio, a partir do qual se entra em relação com o outro, num nível de igualdade. No meio religioso, essa relação tem sido de superior para inferior, a mulher é reduzida a mero objeto, a mão-de-obra para o clero, para o clero, para as instituições eclesásticas. Mas, as mulheres buscam caminhos novos e conferem características peculiares à sua caminhada. É notória sua inserção em diferentes pastorais, movimentos, buscando sua capacitação, apostólico-profissional, sua afirmação na Igreja e na sociedade, extrapolando o cenário doméstico, rompendo com papéis tradicionalmente reservados à mulher, abrindo novas possibilidades de atuação.

Grande parte das mulheres religiosas estão conscientes de que prática eclesial ainda não corresponde aos princípios por elas defendidos e que o próprio debate sobre

questão da mulher na Igreja ainda não é assumido oficialmente com a serenidade e seriedade que exige a questão. O depoimento de Maria José Rosado - socióloga e ex-religiosa - confirma essa teoria: "O grande nó da Igreja é a não aceitação do controle da mulher sobre seu corpo, sua própria sexualidade, porque a Igreja se estrutura sobre base hierárquica masculina celibatária. Consequentemente ela não pode lidar bem com a sexualidade dos outros. Uma instituição que não consegue integrar as mulheres na sua totalidade de direitos, como cidadãs da Igreja, não tem como admitir que as mulheres regulem a sua capacidade reprodutiva". pensando a sexualidade, parece ser importante uma abordagem ampla, incluindo desde as noções mais elementares sobre o corpo feminino até as que propiciam o conhecimento das complexas relações de poder na sociedade, pois, quando as mulheres conhecem e decidem sobre seu corpo, separam, com segurança, questões referentes à sexualidade e procriação. Elas buscam um processo de libertação em se incluíam pessoas de seu relacionamento.

O ser mulher é intuitivo ; talvez justamente por isso ocorra entendimento de que seu segredo está na solidariedade e comunhão, elementos geradores de vida. É como diz Tereza Cavalcanti ⁽⁵⁾ : "A mulher pensa e age no coletivo e no comunitário, portanto, quando ela vai a luta, abala as estruturas". Elas sabem que são herdeiras de uma tradição de mulheres geradoras de vida, na história do povo da Igreja primitiva. Tradição que marca a história de muitas mulheres mártires, podemos lembrar entre outras, Margarida Alves, sindicalista assassinada na Paraíba; Irmã Adelaide Molinari que trabalhava com os indígenas e foi assassinada por pistoleiros contratados; Roseli Nunes da Silva, assassinada quando participava de uma caminhada dos Sem-Terra no Rio Grande do Sul. As mulheres religiosas, teólogas, militantes em movimentos sociais ou não, buscam unir forças para pensar e juntas lutar .

(5) CAVALCANTI, Tereza. Curso de Verão - Coleção Teologia Popular. Ano II. Org. José Oscar Beozzo, S.P., Paulinas, CESEP, 1988. Cavalcanti tem mestrado em Teologia na PUC/RJ, professora e coordenadora do programa Mulher e Teologia do ISER.

Nota-se entretanto, que essa junção de corpos, desejos, mentes e corações é difícil, passa por um processo lento, supondo um aceitar do diferente. Buscando entender a unidade na diversidade, as mulheres vão conquistando espaços na sociedade e na Igreja marcada milenarmente por estruturas masculinas patriarcais. A presença feminina traz para a Igreja, situada e clerical, um novo desafio, incômodo com certeza, mas fascinantes. É recheada do NOVO e sugere uma nova orientação comunitária, que, a partir de uma nova solidariedade, ajude a Igreja e a sociedade como um todo apriorizar a VIDA. Essas mulheres interpelam a Igreja à verdadeira conversão, para que esta seja menos individualista, compartimentada, estruturada e mais flexível, integrada e inclusiva. É nessa luta de resistência, dor e esperança que as mulheres e sobretudo algumas religiosas e teólogas querem ser testemunhas e articuladoras das diferentes melodias que chegam de diversas partes do continente. Esse esforço de libertação constitui um dos fenômenos de destaque da época contemporânea, pois, em suas diversas manifestações, contribui para colocar em crise a sociedade humana, tal como está constituída, tanto nas relações interpessoais, como nos grupos, classes, associações, instituições, povos e nações. Nesse processo de promoção e libertação, as mulheres tendem a passar da dependência à autonomia, da passividade à iniciativa, da coação à liberdade, da subordinação à participação, da resignação à ação: Elas se tornam mais conscientes da própria dignidade humana. Dignidade que apreze mais plenamente à razão humana com as experiências sofridas por toda a humanidade, e amadurecida com a contribuição de múltiplos fatores históricos.

Nesta caminhada de busca, cabe se perguntar que imagem as mulheres constroem de si mesmas na história concreta. Muitas se contrapõem aos estereótipos criados e sustentados pela sociedade patriarcal. Se interrogam como querem viver? Como libertar seu corpo da violência que sobre ele recai? Como recuperar seu sentido simbólico - no qual manifestam sua identidade, espiritualidade sem cair na armadilha do dualismo entre corpo e alma, bem e mal? Saindo da esfera doméstica, estando numa nova esfera de atuação, elas se descobrem como “gente” e percebem que não raras vezes, são levadas

de roldão no bojo da luta de todos os marginalizados, sobrando-lhes pouquíssimo espaço para o exercício de sua criatividade, sua cidadania e o amadurecimento da própria identidade pessoal.

IV - DESAFIOS E ESTÍMULOS NA CAMINHADA HISTÓRICA RUMO À EMANCIPAÇÃO FEMININA

“...Ó Mulher quebra as correntes que abafam teu andar.

Este é o caminho - liberdade a conquistar...”

(Judite Irineu)

Muitos movimentos históricos tiveram impacto na sociedade e na Igreja, nos últimos tempos. Dentre estes convém destacar o movimento da emancipação da mulher, que consiste também em lutar pela supressão da antiquíssima dominação sexual, tanto na sociedade civil como na sociedade religiosa. Buscando um estilo e jeito de ser contrário ao convencional, ocupando progressivamente certas esferas da vida pública.

As reivindicações surgem, mostrando que a questão da mulher não está resolvida. A presença da mulher no conjunto da vida da Igreja é vista como subordinada, quando não minimizada ou olvidada. Alguns depoimentos significativos reafirmam a existência da discriminação por parte da Igreja hierárquica à mulher. Vejamos:

“Um trecho do texto “Um culto existencial”, publicado na Revista de Liturgia, Nº 32, de março e abril de 1996, diz o seguinte: ‘A Igreja é uma mulher perenemente grávida. Mas está ferida na sua sensibilidade feminina, porque não deu à mulher nenhuma parcela de decisão. O Papa João Paulo II corajosamente lhe pediu perdão pelas discriminações sofridas, mas não alterou a legislação discriminatória’. É isto aí! A hierarquia eclesiástica discrimina a mulher, seja consagrada ou não.

Aos poucos, a mulher, forçando a barra, vai se fazendo valorizar, vai ganhando mais crédito e mais espaço. Mas, enquanto predominar o machismo em nossa Igreja, ela não irá muito longe. Dependendo da mentalidade do bispo ou do pároco, ela consegue um espaço maior.

Mas, no todo, ela é cristã de segunda categoria”.

"A mulher consagrada, principalmente no seu "fazer-se religiosa", é ainda bastante dominada pela mentalidade machista, persistente na Igreja atual. Mentalidade esta originada na tradição judaico-cristã, da qual originou-se o catolicismo.

Quando digo "fazer-se religiosa" refiro-me aos diversos aspectos deste tipo de ação (conscientização de que a condição da religiosa não apaga a condição de mulher). Se pegarmos por exemplo, a maneira de vestir de grande parte das religiosas verificaremos, que, a roupa é a mais simples possível, sempre tendendo a evitar as formas do corpo; como se deixar qualquer parte corpórea à mostra fosse algo pecaminoso.

Sei que a grande questão do estudo de Gênero, ao qual este trabalho se propõe, não é acirrar a rivalidade entre os sexos, mais sim conduzir homem e mulher dentro de uma relação de lutas contra os diversos níveis de exploração social, onde os dois somem as suas respectivas experiências. Porém se analisarmos este mesmo aspecto, ou seja, do vestuário na figura dos sacerdotes, observamos que dentro da mesma opção de vida, o modo de se vestir dentro do mundo religioso masculino em nada varia. O homem religioso continua com a posse de seu corpo sexualizado. Concluimos assim que o preconceito contra a mulher e a submissão desta, ainda são muito presentes na sociedade, e nem a instituição religiosa escapa.

Em um outro momento podemos também analisar a relação da vida religiosa feminina e seus fundadores(as). Os fundadores e mesmo os patronos das congregações geralmente são homens, e no caso das fundadoras se resumem a duas situações, ou são fortes ou devotas, não assumindo nunca a sua própria feminilidade, isto é, as próprias experiências femininas, como se estas sempre trouxessem um significado pejorativo, um significado de desvio, transformando a religiosa, como também a mulher, em pessoa de segunda classe.

Com o Concílio Vaticano II, muito se caminhou, principalmente com relação à vida consagrada, porém, muita coisa ainda tem que ser buscada. E esta busca é das próprias mulheres que vivem o preconceito da Igreja hierarquizada e machista. É

necessário a unidade entre as irmãs ; certeza de que todas elas têm direito a um espaço dentro desta mesma Igreja, não um espaço de fachada, coadjuvante, mas um espaço essencial e efetivo dentro da Evangelização. Um espaço feminino, de se vestir de modo feminino, de falar de modo feminino, pois afinal 'o hábito não faz o monge'.

Tudo isso, como já disse, não significa que a Igreja se transforme em espaço de 'guerra de sexos' mas que juntos, homem e mulher, trabalhem em igualdade para o estabelecimento de um mundo melhor. E se tentar essa igualdade, que pode também ser reconhecida no estabelecimento das diferenças; se admitirmos que em nenhum momento ser mulher significar ser menos religiosa, constitui um escândalo, creio que este caminho é válido, como diz Frei Mateus, a vida religiosa só se faz símbolo, na medida em que se faz escândalo'.

Pensando o que é ser Homem e Mulher e que valores a religião transmite, ensina e reforça, observemos o pensamento de duas jovens em período de formação inicial na Vida Religiosa.

"Ser homem é estar disponível, é ser capaz de ajudar na transformação da sociedade e de si mesmo. Ser mulher, é saber usar todos os momentos da vida para buscar seu espaço, é colocar sua sabedoria, inteligência e capacidade profissional a serviço. A mulher aos poucos aprofunda sua dimensão de companheira, de luta, de busca de vida. É a poetisa da vida.. É valorização do seu ser mulher, tendo convicção de que sua MISSÃO é AMAR e FAZER o outro AMAR. A mulher não guarda para si a vida, ela a distribui no desejo da fertilidade".

"Vejo a religião como plural. Libertadora e conservadora. A conservadora reforça a imagem de um homem machista e a mulher omissa e passiva. Por exemplo, o padre tem medo de que a freira possa celebrar a Eucaristia, sente-se ameaçado . Se a mulher conseguir a conquista de ordenar-se sacerdotisa ela, estará mais perto da igualdade com os homens da hierarquia religiosa. A religião reforça o machismo, aumentando o grau de inferioridade da mulher".

Diante deste quadro marcado pela discriminação e exclusão, convém pensar de que maneira a formação religiosa influencia a luta das mulheres e como estas reagem. Ainda que passos a mulher religiosa consagrada pode ou deve dar em busca da libertação de seu ser feminino. Os depoimentos seguintes possibilitarão uma reflexão acerca destas questões:

“A formação religiosa hoje possui tendências e busca a identidade feminina. Com isto parte da busca de ideais mais humanos e fraternos. E na ocupação de seus espaços na Igreja e na sociedade.

A influência se dá a partir do momento em que as mulheres se reconhecem na pessoa das religiosas que dão o testemunho de luta, por uma sociedade mais justa. A reação é de acolhida e reforço às idéias, pois, percebem que só organizadas é que vencerão o mal e a opressão.

Tanto as religiosas, como as outras se entre ajudam, na busca de uma igreja e de uma sociedade mais humana e fraterna”.

“A freira precisa assumir a missão de ser mulher religiosa, consagrada a Deus a serviço do povo pobre, privado de seus direitos essenciais à vida. Povo massacrado pelo injusto salário mínimo. Precisa assumir sua mística feminina em busca de libertação e melhor qualidade de vida. Assumir o ser feminino corajosamente e assim derrubar a pirâmide machista. Partilhar a vida., seus erros e acertos, sua fé, esperança, lágrimas, alegrias e sonhos. Assim, a mulher sinônimo de coragem, estudo, conquista, sabedora de seus direitos e deveres, conquistará seu espaço, na Igreja e na sociedade”.

A história das mulheres é repleta de obstáculos. Estes vão sendo transpostos em abertura de novos caminhos, num avanço considerável, desenvolvendo múltiplas experiências, teorias e questionamentos, como podemos conferir nos depoimentos abaixo:

"É notório na América Latina que a Igreja de Medellín e Puebla, que faz opção "preferencial pelos pobres e pela justiça", não faz da libertação da mulher um capítulo específico, nem mesmo a Teologia da Libertação implica a libertação da mulher, eis o desafio e a responsabilidade".

"Há um queixa generalizada que se levanta como um grito à face da Igreja: enquanto no resto do mundo, de um século para cá as legislações modificaram-se em favor da mulher, o Direito Canônico permanece substancialmente imóvel por décadas e agora foi revisto sem a presença da mulher nem na comissão, nem entre os consultores".

"Vivemos num país onde as mulheres ainda são discriminadas e excluídas dos espaços sociais, dos seus direitos, na maioria das vezes mais elementares.

A discriminação começa em casa repercutindo na Igreja e na sociedade. Vivemos numa sociedade extremamente machista. Enquanto trabalhadora rural, vivo a experiência de que nós para sermos reconhecidas como tais, temos que ter força e muita garra. Para conseguirmos documentos, cadastros ou mesmo a ficha de uma terra, é preciso grande esforço, senão voltamos de mãos vazias para casa.

Nós mulheres, precisamos estar unidas, solidárias e organizadas. A construção de uma sociedade nova se fará no dia-a-dia, com mulheres e homens unidos em prol da igualdade de direitos do ser humano, apesar das diferenças. É preciso que os homens se conscientizem e compreendam que sozinhos não conseguirão a transformação da sociedade. Pois, construir uma nova sociedade é caminhar lado a lado, mulheres e homens, e não precisar ter no calendário um dia das mulheres, mas, que todos os dias sejamos reconhecidas e respeitadas enquanto mulheres e cidadãs".

As idéias de emancipação necessitam de alguns pilares, fundamentais, a saber: difusão de idéias, canalização para converter idéias em prática, articulação e enriquecimento da filosofia emancipadora. O que já se pode perceber através de

reivindicações como estas, da IV Conferência Internacional da Mulher, realizada em Pequim, 1995:

- Expansão do papel e o progresso da mulher, incluindo o direito à liberdade de pensamento, de religião e de crença, o que contribui para a satisfação das necessidades morais, éticas, espirituais e intelectuais, individualmente ou em comunidade,

- Direito de controlar todos os aspectos de sua saúde, especialmente sua própria sexualidade.

Ou estas, do I Congresso Nacional da Central de Movimentos Populares, realizado em Belo Horizonte, 1993:

- Permanência dos direitos da mulher ao aborto nos casos previstos em lei, como estupro e risco de vida para a gestante;

- Luta contra a esterilização em massa de mulheres, implantação do PAIS (Programa de Assistência Integral a Saúde da Mulher), contra a discriminação das prostitutas, pelos direitos trabalhistas da mulher, igualdade no mercado de trabalho;

- Exigência de implantação de políticas públicas que atendam as especificidade das mulheres negras, indígenas, lésbicas, portadoras de deficiência física,

- Políticas que eliminem a discriminação contra mulheres lésbicas e acesso a preservativos gratuitos pela Secretaria de Saúde e/ou SUS (Sistema Único de Saúde);

- Combate a toda forma de violência contra a mulher;

- Que o dia internacional da mulher seja assumido com atos em todo o país, com atividade de esclarecimento e orientação na busca de unificação de lutas das mulheres do campo e da cidade.

Um tema estimulante, que irrompeu no Movimento Popular, tem sido o da presença da mulher, presença ativa, e quase sempre desconhecida por tradicionais

organizações de base machista. Essa irrupção balançou, ainda mais, setores eclesiásticos, despreparados para enfrentar tal realidade. A Igreja como um todo e o corpo eclesiástico em especial impõem sérias reservas e resistências à temática feminina.

Assim, temas como controle da natalidade, aborto, sexualidade, virgindade são “definidos” pela moral religiosa católica e “impedidos” de um estudo mais amplo e participativo envolvendo todos os setores sociais.

Vejamos, neste depoimento, como esta moral está impregnada:

‘Se lavarmos em conta as fontes (documentos da Igreja) temos uma posição clara e definida a respeito do aborto, métodos contraceptivos, virgindade e sexualidade. Mas quando as questões são jogadas para a realidade, a coisa muda. As Igrejas particulares não têm como enfrentar a realidade dessas questões.

Quanto ao aborto entende-se de acordo com a Igreja que: ‘desde o primeiro século, a Igreja afirmou a maldade moral de todo aborto provocado. Este ensinamento não mudou. Continua invariável’. (Catecismo - 2271). Como a Igreja passa isso para o povo? Através de pastorais familiares que atingem um mínimo de casais da classe média ou de cursos ‘relâmpagos’ para noivos. Qual a palavra que a Igreja tem para a mulher pobre que é induzida a abortar para não perder o emprego? E para o médico que aceita e propaga a prática do aborto? E para a menina de rua?

Em relação aos métodos contraceptivos a Igreja aceita que o Estado intervenha para orientar a demografia da população e deseja que o Estado não exerça a coação e não seja autoritário, mas que dê informações objetivas e respeitadas. Entendemos que os casais sejam livres planejadores de suas famílias e que os métodos sejam só os naturais. Será que o Estado vai preocupar-se com métodos naturais? A Igreja não tem planos de formação neste sentido e nem mesmo de formação.

Quanto à virgindade, a Igreja parece preocupar-se pouco com este tema. A virgindade é tida como uma renúncia ao matrimônio para seguir a Cristo, na vida consagrada ou fora dela. Alguns formadores católicos, acham que virgindade é

tolice. Basta que evitem as doenças venéreas e a gravidez. Esses formadores contrariam os princípios da Igreja de que o ato sexual deve ser destinado à procriação e à satisfação afetiva do casal.

Já em relação a sexualidade a Igreja declara que a mesma afeta todos os aspectos da vida humana, na sua unidade de corpo e alma. Aceita também que em dignidade de direitos, homem e mulher são iguais. "Ao criar o homem e a mulher, Deus dá a dignidade pessoal de modo igual ao homem e à mulher". (Catecismo - 2334). Mas, na prática, a Igreja não é um tanto machista?

Essa postura reacionária e machista da Igreja marcou a IV Conferência Mundial sobre a Mulher - em Beijing, China. Segundo Maria José Rosado Nunes⁽⁶⁾, um documento emanado da "Santa Sé" anunciava suas reservas e condenação de qualquer forma de reconhecimento legal do aborto, assim, como contracepção ou uso de preservativos, 'tanto como medida para planejamento familiar como em programas de prevenção à AIDS'. Declara que o Vaticano, usa não aceitação de todo o capítulo IV, seção C, sobre saúde, "por dar atenção desproporcional à saúde sexual e reprodutiva". Manifesta ainda reserva quanto ao direito das mulheres de controlarem sua sexualidade, porque poderia entender-se como aprovação de relações sexuais fora do matrimônio heterossexual. Finalmente, demonstra preocupação com a seção sobre os direitos humanos, pelo 'excessivo individualismo na forma de tratar os tais direitos'. Depreendem-se daí que, exatamente os pontos considerados por mulheres do mundo inteiro, presentes em Beijing, como conquistas importantes e avanços do documento sobre os quais a Igreja Católica manifesta reservas ou condenação.

Felizmente a Igreja não estava representada apenas pela delegação escolhida pelo Papa. Grupos organizados de feministas católicas comprometidas com a defesa dos direitos das mulheres, como a melhoria de suas condições sociais, econômicas e políticas, marcaram presença reivindicando sua identidade católica e seu direito de

(6) NUNES, Maria José Rosado. As Mulheres Desafiam o Vaticano em Beijing. In: Revista Brasil Revolucionário, Nov/Dez/Jan - 1996. Nunes é professora na PUC/SP; Coordenadora de Católicas pelo direito de decidir; Membro da Comissão Cidadania e Reprodução e da Diretoria do ISER.

discordar no interior da Igreja, estas mulheres, nas várias oficinas de que participaram, desafiaram a hierarquia da Igreja a transformar em atos, suas declarações de apoio às denúncias e demandas das mulheres por igualdade, levando em conta as opiniões e necessidades das mulheres na elaboração dos documentos oficiais, chamando-as a participarem nos níveis de tomada de decisão na Igreja e permitindo-lhes o acesso ao exercício do sacerdócio.

· O desafio é enorme, exigente, convidativo e urgente. Muitas mulheres percebem a realidade, organizam-se. Nota-se a participação crescente na Pastoral por parte de alguns setores das religiosas, qualificadas ademais pela criatividade progressiva no interior das ordens, congregações e Igreja particular. Mulheres religiosas consagradas, individualmente ou em grupos conscientizam-se, lutam em busca de novos valores. Os depoimentos abaixo permitirão uma compreensão mais objetiva a esse respeito:

“As religiosas estão buscando uma libertação das antigas estruturas impostas pela hierarquia da Igreja e das Congregações. Daí as novas formas de vida e formação, inclusive, formação profissional e intelectual. É comum as religiosas deixarem suas instituições, assumindo atividades em instituições públicas.

O papel da religiosa na sociedade hoje, é mais de apoio às classes oprimidas e conseqüentemente, aos movimentos que buscam formas de transformação dessa sociedade injusta.

Por outro lado, grande parte das religiosas ainda não conseguiram libertar-se do antigo regime de “escravidão” imposto pela estrutura das Congregações que ainda exigem o uso do hábito, a obediência cega às normas vindas da hierarquia, isto é, do supremo poder papal. Mas, há avanços e pequenas luzes começando a brilhar”.

“Nós mulheres consagradas sofremos as conseqüências de pertencermos a uma Igreja estratificada, onde a hierarquia é composta exclusivamente por homens detentores de todos os poderes legais.

Esta hierarquia vê nas mulheres as serviçais que muito contribuem com as secretarias paroquiais, diocesanas, e fazem valer as grandes tradições religiosas, através do apostolado e a catequese. Cabe-nos simplesmente obedecer.

Há no entanto, uns poucos, homens desta hierarquia que acreditam na participação das religiosas e das mulheres como tais, na vida da Igreja e da sociedade. Buscam uma nova relação de reciprocidade”.

Pensando essa presença marcante da mulher no cenário político, social e religioso, faz-se pertinente ressaltar algumas impressões dos bispos e padres sinodais⁽⁷⁾ em relação à vida consagrada feminina.

• Dizem reconhecer e agradecer o serviço da mulher religiosa/consagrada na Igreja e na sociedade, nos mais diversos campos da evangelização, a exemplo de atividades pastorais, educação, cuidado com doentes, pobres e abandonados, revelando a face materna da Igreja. Afirmando ainda, que, sem a presença da mulher, sem o testemunho da obediência livre e libertadora, sem o resplendor do amor desinteressado e eficaz aos necessitados, a Igreja perderia sua força evangelizadora.

Mas, concretamente, essa mesma Igreja não discrimina e menospreza a mulher consagrada? Não impede sua participação ativa e decisiva em questões legais da Igreja? Não lhes nega o sacerdócio? Não encarcera sua feminilidade? Camufla sua sexualidade?

Ante esse depoimento, de uma leiga jovem, engajada na caminhada da Igreja local, percebe-se que infelizmente estas interrogações possuem respostas afirmativas:

“Acredito que a hierarquia da Igreja tem a religiosa sempre em segundo plano. Composta por homens, além de autoritária é machista.

• *Na Igreja as religiosas não podem celebrar missas como os padres, mas devem participar da vida da comunidade, dos estudos e grupos existentes na mesma. Mas*

(7) A Vida Consagrada e a Missão na Igreja e no Mundo. Mensagem do Sínodo aos Bispos. São Paulo, Paulinas, 1994.

apenas como "irmã", o que é muito diferente do padre. Este chega, realiza seus afazeres e vai embora.

X Apesar de sua atuação na comunidade, uma religiosa não tem autoridade como o padre. X Por causa disto fico com uma dúvida: por que a religiosa não tem os mesmos direitos e deveres que um padre?

No público, as religiosas tem um papel complicado a desempenhar, além de conviver com o povo, habituar-se a vida da comunidade sem "misturar-se", a religiosa ainda tem que cumprir com todos os afazeres da religião. Na comunidade, acredito, que ainda passa por outras dificuldades, como a aceitação e o respeito ao outro. () que não deve ser fácil. Acredito também que a hierarquia pouco importa com a religiosa, desde que esta não "manche" a imagem da Igreja e não vá contra seus princípios dogmáticos".

Irmã Elza Ribeiro⁽⁸⁾ uma das 51 mulheres num total de 352 participantes do Sinodo sobre Vida Consagrada e sua Missão na Igreja e no Mundo - partilha significativamente seus anseios e expectativas em relação ao Sinodo: *De um lado temia um retrocesso, discriminações, como seria a participação de Roma, com sua estrutura marcada pelo secular e clerical. De outro, esperava refletir sobre quê de novo traria o Sinodo? Como seria vista a caminhada da Vida Religiosa na América Latina, selada com sinais que nem sempre são reconhecidos e aceitos, e são muitas vezes suspeitos e fadados à censura? Receberá ela do Sinodo, a palavra de alento, de incentivo e de apoio que tanto esperou em Santo Domingo e lhe foi negada? Nós mulheres, que vez teríamos em uma assembleia predominantemente masculina, de varões que trazem o privilégio do sacerdócio e a força da hierarquia? O próprio tema - Vida Consagrada - sobre que fundamentos seria tratado? Quais as notas dominantes da teologia, da eclesiologia, da própria realidade histórica? Receios e expectativas latentes e com expressões concretas.*

(8) Mimeo. RIBEIRO, Irmã Elza. A Mulher Consagrada, sua Identidade e Missão na Igreja na Perspectiva do Sinodo. Belo Horizonte. 1995.

Irmã Elza toma como ponto de partida, idéias expressas na Proposição que trata sobre Mulher Consagrada, ou seja, uma nova consciência da feminilidade; a revelação da ternura e do amor de Deus como característica própria do ser feminino; a mulher consagrada, com seus dons e sua maneira inalienável. Entendendo dessa forma que a Igreja é convidada a favorecer a plena manifestação dos dons femininos; reconhecer a identidade da mulher consagrada no plano divino confiando-lhe maiores responsabilidades; abrindo espaços, concedendo lugar eficaz no domínio da espiritualidade, da teologia, da evangelização; reconhecendo sua missão nas estruturas da Igreja em todos os níveis. Irmã Elza apela à hierarquia no sentido de promoção de um diálogo aberto e sábio com as mulheres consagradas e de favorecer sua presença nas funções que lhe são confiadas, de maneira oportuna e eficaz.

É demasiadamente forte a incoerência na Igreja hierárquica, a dicotomia entre teoria e prática. Seu discurso é democrático, sua prática porém é retrógrada e preconceituosa.

Os depoimentos acima são de mulheres religiosas consagradas e não consagradas, comprometidas com a luta pela afirmação da feminilidade, pela humanização da Vida Religiosa, pela reconquista de espaços que nos foram tolhidos. Os mesmos revelam descontentamento quanto à situação da mulher, seja na Igreja ou na sociedade; e apontam possíveis pistas para o desenvolvimento de suas potencialidades.

Apesar das lutas para encontrar e criar espaços, quer de liberdade, quer de igualdade e dignidade humana, a mulher não deve restringir aí suas reivindicações. Há muito que conquistar, sobretudo no que diz respeito ao universo eclesial, onde a mulher não deve apenas ser tema de discurso teológico, mas, sujeito deste mesmo discurso. Participar do processo de evangelização e libertação, para que homens e mulheres sintam-se motivados a colaborar de acordo com os dons, as possibilidades e os talentos de cada um.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grito pelo reconhecimento da identidade e da missão da mulher não é ouvido só na Igreja. Em todas as áreas da sociedade, é tónica e se faz cada vez mais forte. Os movimentos feministas, em suas expressões mais diversas, nada mais são do que um alerta para a situação milenar de dominação do homem e o desconhecimento do papel daquela que foi com ele e como ele encarregada da construção e do aperfeiçoamento das coisas.

Os passos que a mulher vem dando, na área da cultura, do social, da economia e da política, denotam avanços maiores do que os que são conseguidos no seio da Igreja, onde as estruturas por demais firmadas em categorias de hierarquia e de poder são contrárias à índole própria do feminino. O caminho trilhado é extremamente positivo, embora débil e muitas vezes marcado por desvios. Mas já não admitem retrocessos e são caminhos que se abrem com promessas.

Somos milhões de mulheres excluídas do sagrado, das decisões sociais e políticas, do saber, da cultura, do respeito e da dignidade. Estamos nas favelas e cortiços, sustentando nossos filhos, no campo sofrendo com os companheiros a violência de uma estrutura rural corrupta e injusta. Estamos nos lares contagiados, por um modelo patriarcal e machista. Somos consideradas seres de segunda classe, e servimos de mão-de-obra barata no campo, na fábrica, nas Igrejas e lares.

São séculos de incubação, de germinação de idéias que já não podem mais suportar delongas. O final do milênio será a hora da expressão da mulher como mulher, em toda sua inteireza. A Igreja precisa pois, abrir os ouvidos aos clamores que vêm da natureza feminina, ouvir a mulher consagrada, assegurar-lhe o lugar que é seu por direito.

Estará a Igreja hierárquica, clerical, disposta a tal atitude?

O processo de libertação da mulher dá-se também na Vida Religiosa Feminina e desdobra-se na redescoberta do ser mulher, na tomada de consciência da condição subordinada da mulher na sociedade e na Igreja, no engajamento concreto nas lutas de libertação das mulheres.

Percebe-se a necessidade de se ampliar o horizonte dos debates, deslocando o eixo para a relação “masculino - feminino”, de tal forma que inclua também os homens neste desafio. Por isso, nos comprometemo-nos com a luta pela libertação do feminino, presente em mulheres e homens, e no cultivo de uma nova relação homem - mulher, na Igreja e na sociedade.

Neste sentido, queremos rever nossa mentalidade culturalmente machista, nossa linguagem e nossa teologia; queremos contribuir para a reeducação de homens e mulheres e ensaiar novas práticas que favoreçam o resgate do feminino.

Para que a presença da mulher religiosa torne-se mais significativa, mesmo para a vida religiosa, a Igreja e a sociedade, o melhor caminho parece ser o da especificidade feminina. Na medida em que a mulher religiosa expressa mais a originalidade de sua presença ela contribui para a transformação de muitas estruturas da vida religiosa e da Igreja, que estão marcadas pela exclusividade e legitimação masculinas. Assim, a discussão sobre gênero estará sendo feita no sentido de contribuir com elementos capazes de distinguir a prática sexual dos papéis determinadas ‘a priori’ aos homens e mulheres. Joan Scott ⁽⁹⁾ aponta gênero como elemento constitutivo das diferenças percebidas entre sexos que introduz, dessa forma, uma dimensão histórica do poder relacional nas diferenças sexuais. Propõe ainda uma abordagem literária, considerando gênero como um potente instrumento teórico e em particular, politicamente útil às feministas no sentido de ultrapassar a simples descrição. Gênero enquanto categoria de análise está centrado na significação, ele é um meio para a desconstrução, é como um método para contestar os paradigmas da história.

(9) SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: A Escrita da História-Novas Perspectivas. Org. Peter Burke. São Paulo, UNESP, 2 ed. 1992

Temos clareza de que esta reflexão é apenas um aperitivo, um despertar. Há ainda longo caminho a ser trilhado... O desejo, todavia, é de buscar e reaprender continuamente, é tentar superar o habitual, já estratificado em pensamentos e comportamentos rígidos; é de contribuir para “destruição” gradativa de normas e regras patriarcais; é de lutar pela construção de novas experiências e conteúdos, em que a pluralidade de idéias, a visão de longo prazo, possam contribuir para o surgimento de uma Vida Religiosa expressiva, criativa, solidária e humana.

Lançado o desafio, cabe tentarmos respondê-lo, no hoje concreto de nossa história.

REFERÊNCIAL BIBLIOGRÁFICO

5.0- FONTES

5.1- LIVROS TEOLÓGICOS

01 - ALVES, Rubem. Creio na Ressurreição do Corpo. São Paulo, Paulinas, Rio de Janeiro, CEDI, 1.992.

02 - ANTONIANE, Alberto (diversos). A Mulher na Igreja. Presença e Ação Hoje. Rio de Janeiro, CRB, Petrópolis, Vozes, 1.975.

03 - BINGEMER, MARIA c. O segredo Feminino do Mistério. Petrópolis, Vozes, 1.991.

04 - BOFF, Leonardo. Igreja, Carisma e Poder. Petrópolis, Vozes, 3ª ed., 1.982.

05 - _____. A Ave Maria - O Feminino e o Espírito Santo. Petrópolis, Vozes, 1.980.

06 - _____. A Fé na Periferia do Mundo. Petrópolis, Vozes, 1.978.

07 - _____. A Vida Religiosa no Processo de Libertação. Petrópolis, Vozes / CRB, 1.976.

08 - _____. O Rosto Materno de Deus. Ensaio Interdisciplinar Sobre o Feminino e Suas Formas Religiosas. Petrópolis, Vozes, 1.983.

09 - _____. COMBLIN, Pe. José. Observações sobre a Vida Religiosa na América Latina. Ed. Ave Maria, São Paulo, 1.988.

10 - FABRIS, Reinaldo. A Mulher na Igreja Primitiva. São Paulo, Paulinas, 1.986.

11 - GEBARA, Ivone. Vida Religiosa: da Teologia Patriarcal à Teologia Feminina - Um Desafio para o Futuro. São Paulo, Paulinas, 1.992.

12 - _____. Teologia em Ritmo de Mulher. São Paulo, Paulinas, 1.994.

13 - _____. "Levanta-te e Anda" - Alguns aspectos da Caminhada da Mulher na América Latina. São Paulo, Paulinas, 1.989.

14 - _____. As Incômodas Filhas de Eva na Igreja da América Latina. São Paulo, Paulinas, 1.987.

15 - _____. Poder e não - Poder das Mulheres. São Paulo, Paulinas, 1.991.

16 - _____. Conhece-te a ti mesma. São Paulo, Paulinas, 1.991.

17 - GUTIÉRREZ, GUSTAVO. (Diversos). A Igreja que surge da Base. São Paulo, Paulinas, 1.982.

18 - OMEER, Germano Van Der. Vida Consagrada e Inserção. In. Comunhão e Missão: A Formação na Vida Religiosa, Esperanças e Desafios. São Paulo, Cidade Nova, 1.991.

19 - ROCHA, Mateus. Projeto de Vida Radical. Petrópolis, Vozes, 1.977.

20 - SOBERAL, José Dimas. O Mistério Ordenado da Mulher. São Paulo, Paulinas, 1.989.

21 - WILGES, Irineu e Olírio Colombo. Cultura Religiosa. Petrópolis, Vozes, 1.982.

5.2 - DOCUMENTOS DA IGREJA

- 01 - Conclusões da Conferência de Puebla, Texto oficial. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. São Paulo, Paulinas, 6ª ed., 1.979.
- 02 - Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino - Americano. Santo Domingo. Texto oficial. São Paulo, Paulinas - 1.992
- 03 - Documentos Pontifícios Nº 207 - Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação. Carta do papa à CNBB sobre a missão da Igreja e a Teologia da Libertação. Petrópolis, Vozes, 1.986.
- 04 - Documentos Pontifícios Nº 155 - A Igreja no mundo de hoje. Petrópolis , Vozes, 2ª ed., 1.966.
- 05 - Documentos Pontifícios Nº 199 - A Igreja - Concílio Vaticano I I. Petrópolis, Vozes, 8ª ed., 1.967.
- 06 - Documentos da Sagrada Congregação dos Religiosos e Promoção - Humana Dimensão Contemplativa da Vida Religiosa. São Paulo, Paulinas, 1981.

5.3- DOCUMENTOS DA CRB (CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL)

01 - AGUDELO, M. A Mulher numa Estrutura Eclesial Masculino, Petrópolis, Vozes, 1.980.

02 - ARNS, Paulo Evaristo. Religiosas Recomeçam sempre. São Paulo Fundação Metropolitana Paulista, 1.979.

03 - AZEVEDO, Pe. Marcello de Carvalho. Os Religiosos: Vocação e Missão: Um Enfoque Exigente e Atual, Rio de Janeiro, CRB, 1.979.

04 - BRUNELLI, Delir. (Diversos). A Mulher Religiosa nas CEBs. Rio de Janeiro, CRB, 1.988.

05 - BRUNELLI, Delir. Libertação da Mulher. Um Desafio para a Igreja e a Vida Religiosa e a Vida Religiosa na América Latina, Rio de Janeiro, CRB, 1.988.

06 - DIÉZ, Felicíssimo. Vida Religiosa: Carisma e Missão Profética, São Paulo, Paulus, 1.995.

07 - FREITAS, Ir. Maria Carmelita de. (Diversos). Inserção: Novo Modo de Ser de Vida Religiosa, Rio de Janeiro, CRB, 1.989.

08 - (Mimeo) GROSSI, Miriam Pillar. Jeito de Freira - Estudo Antropológico sobre a Vida Religiosa Feminina, Cadernos de Pesquisa, São Paulo, Maio 1.990.

09 - LUCAS, Miguel. Os Religiosos e a Evangelização da Cultura: um Serviço à Igreja de Fronteira, São Paulo, Paulus, 1.994.

10 - MATOS, Henrique Cristiano José. Vida Religiosa: Um projeto em Construção, Belo Horizonte, o Lutador, 1.994.

- 11 - (Mimeo) RIBEIRO, Ir. Elza. A Mulher consagrada - sua identidade e missão na Igreja na perspectiva do Sínodo. Belo Horizonte, fevereiro de 1995
- 12 - VALLE, Pe. Edênio (diversos). Vida Religiosa: eclesiologia e missão rumo à XVI Assembléia Geral. Rio de Janeiro, CRB, 1991.

5.4 - ARTIGOS E MEMÓRIAS

- 01 - Cadernos do Terceiro Mundo. Mulheres preparam Conferência de Beijing. Rio de Janeiro. Ed. Terceiro Mundo, abril de 1.995.
- 02 - Jornal Correio do Triângulo . Sessões: opinião, revista , correio mulher, reportagens.
- 03 - Revista VEJA . Edição especial - Mulher, a grande mudança no Brasil.. Ed. Abril, Nº 2, Agosto/setembro, 1.994.

5.5 - ENTREVISTAS

5.6 - OBRAS TEÓRICAS

- 01 - CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro, Forense - Universitária, 1.982.
- 02 - DIAS, Maria Odila Leite da Silva. "Teoria e Método dos Estudos Feministas: perspectivas históricas e hermenêutica do cotidiano". In. Uma questão de Gênero. Org. Albertina de Oliveira Costa e Cristina Bruschini. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos/ São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1.992.
- 03 - FLORÊNCIO, Luzia. Mesmo assim eu sou feliz. Petrópolis, Vozes, 1.989.

- 04 - KRISCHKE, Paulo e Scott Mainularin. A Igreja nas bases em Tempo de Transição (1.974-1.985). LEPM & CEDEL, Porto Alegre, 1986.
- 05 - (Mimeo) NEVES, Magda de Almeida. Relação de gênero e práticas sindicais. XIV Encontro Anual ANPOCS, 22 a 26 de outubro, 1990.
- 06 - (Mimeo) NEVES, Magda de Almeida. Relações de gênero e Sindicalismo. Laboratório de Ensino e Aprendizagem de História. UFU, Uberlândia, MG
- 07 - (Mimeo) _____. Divisão sexual do Trabalho e relações de gênero: anotações em torno do tema. XII Encontro da ENPOCS, Águas de São Paulo, 1988.
- 08 - PINTO, Maria Conceição Corrêa. A dimensão política da mulher. São Paulo, Paulinas, 1.992.
- 09 - (Mimeo) RAGO, Margareth. Curso: Uma questão de gênero. 11 Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes. UFU, 23 a 27 de maio de 1995, Uberlândia MG.
- 10 - (Mimeo) _____. As mulheres na historiografia brasileira. IFCH - UNICAMP, São Paulo.
- 11 - RIBEIRO, Helcion. Mulher e Dignidade: dos mitos à libertação. São Paulo, Paulinas, 1.989.
- 12 - SCOTT, Joan. História das Mulheres. In. A escrita da História -Novas Perspectivas. Org. Peter Burke. São Paulo, UNESP, 2ª ed., 1.992.
- 13 - TELLES, Maria Amélia de Almeida. Breve História do Feminismo no Brasil. Brasiliense, SP, 1.993.

- 14 - WANDERLEY, Luiz Eduardo W. Igreja e Movimentos Populares. In: Projeto História: Revista do Projeto de Estudos Pós-Graduandos em História e do Departamento de História da PUC/SP, EDUC, 1.985.